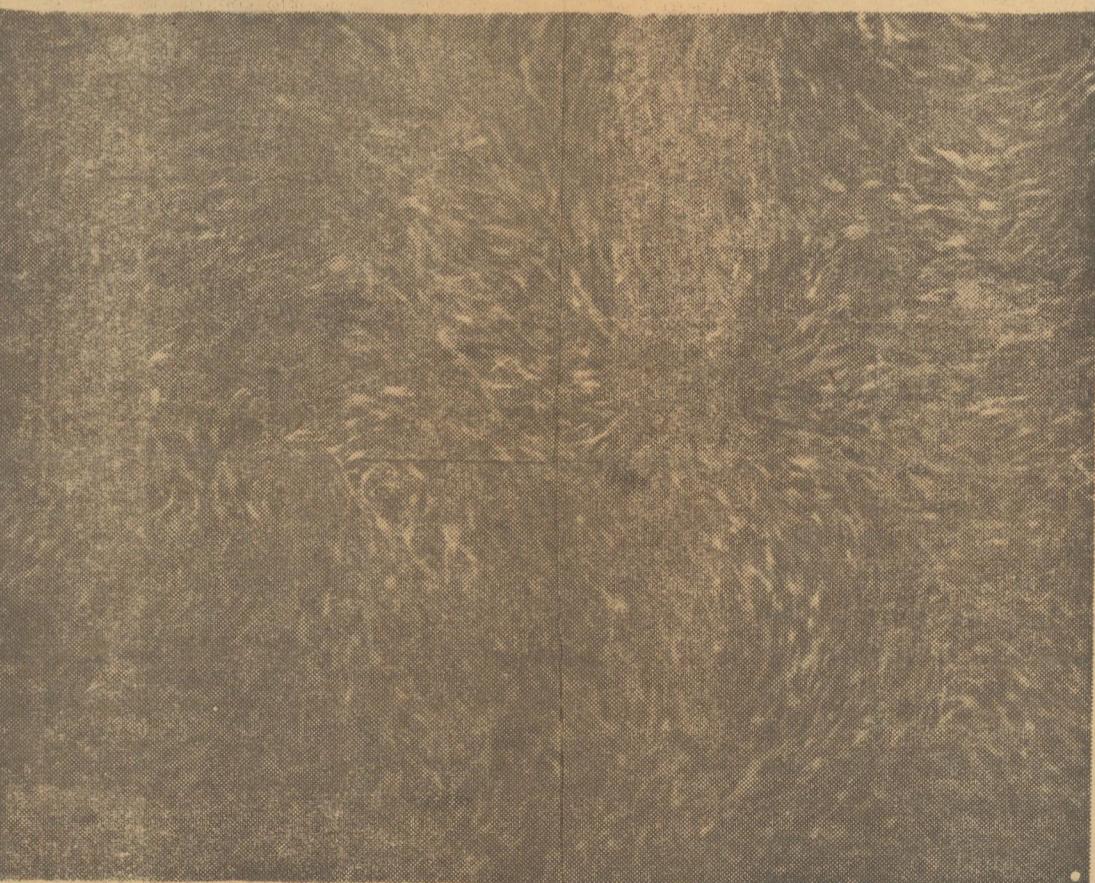




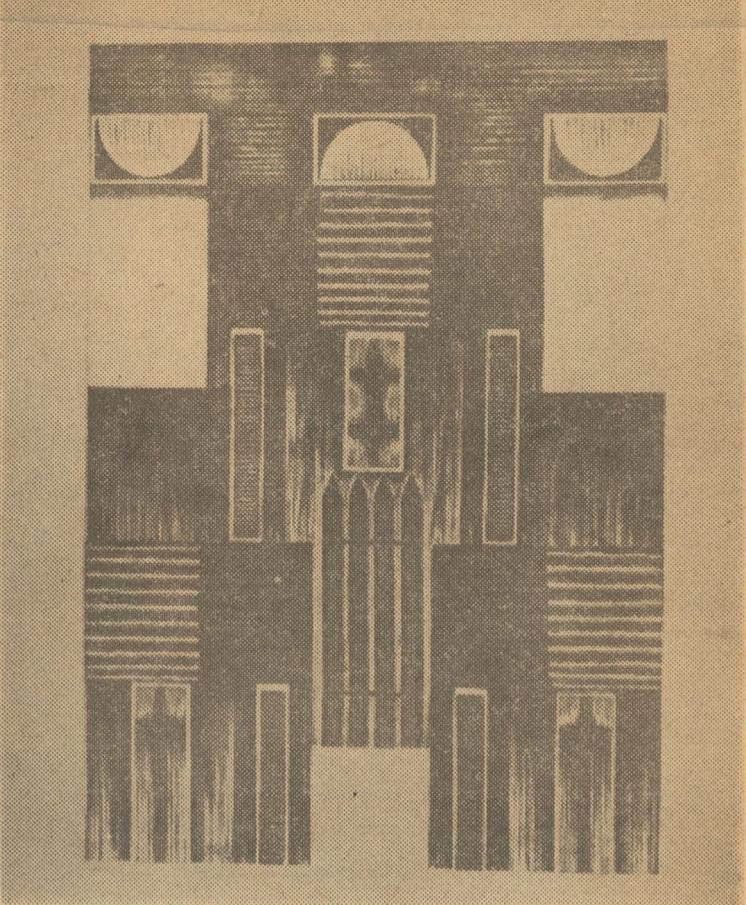
Estereo pintura de Ernestina Karman



Oleo de Marilia Gianetti Torres



Desenho de Fayga Ostrower



Desenho de Mestriner

Na diversidade que a VII Bienal oferece, no que respeita à contribuição feminina, incontestavelmente, as quatro artistas que hoje focalizamos estão no plano de extremada diferenciação, embora duas, Ostrower e Mestriner, sejam desenhistas — quer dizer, técnicas aproximadas — mas que desenhistas disparem em sua expressão, em seus temas!

As técnicas, então, apresentam-se diversificadas de todo: Marilia Gianetti Torres é autora de cinco grandes relevos que o Juri de Seleção aceitou, totalmente. Tal critério deve-se, seguramente, poder-se depreender, à originalidade dos "relevos" como técnica em si, do que resultou muito pouco de original, sem nos metermos, nesta informação, pela crítica, por quanto, a não ser uma pequena nuance de uma para outra, as cinco obras se apresentam com a mesma textura, na mesma trama envolvente que dá uma idéia de penugem cinza. A leitora ou o eventual leitor não tem mais do que imaginar ampliado o que aí está...

Os trabalhos de Ernestina Karman, entretanto, são pinturas chamadas estereo-pinturas e partem da utilização de um material dificilíssimo de trabalhar como é o asfalto, que ela usa em lugar do óleo, e já agora fundamentando o óleo, incorporando a tinta a óleo. Resulta uma pintura de acentos fortes, de uma durabilidade a toda prova, expressando em seus efeitos abstratos uma poética ordenação, cheia de ritmos vitalmente desdobrados, numa brilhante orquestração, conseguida graças a uma longa e pertinente experiência da matéria. Karman teve aceitos pelo Juri de Seleção não apenas os seus quadros como os seus desenhos, pois ela passou também à técnica do desenho com asfalto. A tudo agora acrescentou o enriquecimento da cor, o que valorizou, a muitos aspectos, a sua experiência com o material que há anos vem sendo sua preocupação para obter uma expressão artística.

Entre as desenhistas que têm produzido regularmente para todas as mostras coletivas dos últimos tempos, está sem dúvida incluída a maneira de Odila Mestriner, uma jovem de Ribeirão Preto, que tem feito uma longa e proveitosa evolução na técnica do desenho. Sua temática começou numa estilização que traçava arquiteturas simples e rústicas, e foi-se aprimorando, para chegar a um desenho em que as arquiteturas ganharam um efeito decorativo, fantasioso, cheio de invenções.

Ultimamente, os requintes do desenho de Mestriner atingiram uma formalização bem dosada em suas soluções cada vez mais trabalhadas em notas seguras, tudo tirado de uma observação que recria os elementos constantes do bambu, por exemplo, da taquara, do capim, para citarmos apenas alguns elementos em que reparam os seus traços expressivos, e dos quais emergem então essas arquiteturas, agora ganhando uma certa complexidade em seus desdobramentos.

Com Fayga Ostrower chegamos a uma artista erudita, artista premiada, artista de renome nacional e internacional, que subitamente deixou a técnica em que era mestre e que foi sua melhor maneira de expressão — a gravura — para tentar o desenho, um desenho nuancado e fluido, de uma delicadeza imponderável.

Ostrower apresentará, portanto, uma novidade na VII Bienal, com uma técnica que, como resultado, se apresenta à dos efeitos de suas gravuras, com as quais conseguiu não apenas o Prêmio Nacional na Bienal de São Paulo (IV Bienal), mas também em Veneza. É uma tentativa a ser acompanhada com interesse, por quanto muitos artistas deixam, com o tempo, de apresentar-se à Bienal por falta de uma tentativa de modificação em sua concepção ou em sua técnica. Nesta VII Bienal, duas artistas se renovam, nesse particular — não apenas Fayga Ostrower se apresenta sob uma técnica que até agora não ofereceu à Bienal, também Wega Nery, Prêmio Nacional de Desenho ao tempo em que Ostrower recebeu o seu em Gravura, na VII Bienal virá como pintora a óleo, numa Sala Especial.

O exemplo de Fayga Ostrower e de Wega, ambas premiadas, e que se renovam em técnica, para continuar contribuindo no movimento que a Bienal realiza, merece um interesse todo especial do público e da crítica.